

ANÁLISE LITERÁRIA – O CORTIÇO – ALUÍSIO AZEVEDO – PROF. SINVAS

- O AUTOR E SUA ÉPOCA:

No decorrer do século XIX, os meios de produção receberam impacto positivo com a utilização de novas formas de energia, a eletricidade e o petróleo, ampliando o poder da Burguesia europeia. Na outra ponta da produção industrial, o proletariado começa a organizar-se em sindicatos, realizando as primeiras manifestações por melhores salários e condições de trabalho mais favoráveis. A burguesia francesa mobiliza-se pela implantação da República, que se torna o símbolo de modernidade política, mas só a consolida após grave crise no início de 1870, devido à derrota da França na guerra contra a Prússia, e ao levante dos proletários, conhecido como a Comuna de Paris, em 1871.

Na segunda metade do século XIX, houve o surgimento e o desenvolvimento de importantes áreas das Ciências Humanas, especificamente a Psicologia, a Sociologia e a Linguística. O reconhecimento destas Ciências representou um salto importante para a compreensão dos mecanismos da mente humana, das relações interpessoais e intersociais. Influenciadas pelas teorias da Biologia, estudiosos condicionaram o comportamento do indivíduo e dos grupos sociais às condições do ambiente, passo importante para a compreensão da vida humana.

O maranhense Aluísio Azevedo surgiu nesse contexto, em que as leis das Ciências da Natureza, especificamente da Biologia, determinavam a compreensão do comportamento individual e social. Natural de São Luís, MA, 14 de abril de 1857, mudou-se para o Rio de Janeiro na juventude, atuou na Imprensa como cronista, jornalista, caricaturista e autor de folhetins. Por essa época conheceu as teorias do Determinismo, do Positivismo, do Darwinismo, influências fundamentais em sua obra.

Aluísio Azevedo tentou durante algum tempo viver da Literatura, mas rendeu-se à realidade, que não permitia a sua ambição intelectual, e entrou na carreira diplomática, vivendo na Espanha, Japão, Argentina, onde faleceu em 21 de janeiro de 1913. Sua obra alterna folhetins sem importância literária e a obra madura, crítica, os romances naturalistas, especialmente O Mulato, Casa de Pensão e O Cortiço.

- O MOVIMENTO LITERÁRIO: NATURALISMO:

O Realismo surgiu em 1857, com a publicação de *Madame Bovary*, de Gustav Flaubert, como resposta ao esgotamento das fórmulas românticas, dos folhetins centrados sempre em conflitos amorosos vividos por personagens idealizados. O público da Literatura amadureceu, à medida que a Burguesia revelava sua face real e se afastava dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, e também pelo desenvolvimento das Ciências Naturais, pelo Positivismo, que conduziu a sociedade a uma visão não fantasiosa de realidade.

O Realismo, em face das transformações sociais, criou o modelo novo de romance, que busca a objetividade, o caráter analítico, o senso psicológico, o reformismo crítico. O Romantismo não percebeu a transformação da sociedade, os novos rumos da História, a crise do casamento, a decadência das instituições burguesas, o drama do indivíduo frente a essa nova realidade. Gustav Flaubert, com **Madame Bovary**, Charles Dickens, **Oliver Twist**, Eça de Queirós, **O Crime do Padre Amaro**, deram novo rumo à Literatura, representando os conflitos pessoais e/ou sociais de forma crua, chocando o público, com os temas do adultério, da miséria, da corrupção do clero, rompendo com a visão cor de rosa do Romantismo e introduzindo o mundo cinza do Realismo. Em 1859, Charles Darwin publica um divisor de águas do conhecimento humano: *A Origem das Espécies*. Em 1865, o médico francês Claude Bernard publica *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*, propondo o OHERIC: Observação - Hipótese - Experiência - Resultado - Interpretação - Conclusão. Estas duas obras são fundamentais para a criação do Naturalismo, a vertente científica do Realismo.

O francês Émile Zola cria, com o romance **Thérèse Raquin** o modelo de romance naturalista, o romance de tese, o romance experimental, em 1867, uma década após o início do Realismo. Zola criou o conceito de romance experimental, embasado na Medicina experimental de Claude Bernard, que propunha a anatomia rigorosa do corpo em busca da causa da doença. Na Literatura, os autores dissecam a sociedade em busca da origem do que eles consideravam doenças sociais. O desdobramento da literatura do período em Realismo e Naturalismo/o Realismo científico observou-se na França, com Zola e sua obra prima, *Germinal*, e no Brasil, com Aluísio Azevedo.

O Realismo e o Naturalismo tiveram início simultâneo no Brasil em 1881. O primeiro com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, o segundo com *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. O primeiro romance naturalista brasileiro revela

influência do escritor português Eça de Queirós, de quem o autor herdou a crítica ao clero e ao comportamento mesquinho, hipócrita, da Burguesia. O segundo romance de Aluísio Azevedo, Casa de Pensão, prepara o caminho para sua obra prima, O Cortiço. Os dois primeiros romances revelam imaturidade do autor, pela idealização de Raimundo, no primeiro, e pelo final trágico, moralizante dos dois romances. O autor atingiu a maturidade em O Cortiço, a obra prima do Naturalismo brasileiro.

- CARACTERÍSTICAS DO ROMANCE NATURALISTA:

A perspectiva naturalista dos problemas da sociedade e do indivíduo revela forte influência das Ciências Naturais, daí o nome Naturalismo. A presença de Darwin, Lamarck e Mendel nota-se na construção dos personagens e dos conflitos e gera as principais marcas do movimento.

Os autores do Naturalismo veem o comportamento humano numa ótica animal, o indivíduo regido por seus instintos primitivos, é o zoomorfismo, predominam os grupos, a ideia de bando, pessoas condicionadas pelo ambiente, em que os mais fortes prevalecem, conforme a lei da seleção natural. Os personagens são, portanto, planos, sem profundidade psicológica, porque se comportam como animais.

Acentua-se também o Determinismo, o social, o biológico, e o histórico. O indivíduo perde o livre arbítrio, é fruto do meio, da raça e do momento. A teoria determinista implica o conceito do europeu superior, do negro inferior e de que toda forma de mestiçagem é uma aberração; reforça a ideia do brasileiro sensual e preguiçoso, devido ao clima tropical e ao caráter mestiço de nosso povo.

Outra marca naturalista é a forma como os autores encaram o que o movimento considerava problemas da sociedade, desvios do comportamento estabelecido: a prostituição, o adultério, a homossexualidade são vistos como problemas da sociedade, como patologias, doenças sociais. Os autores do período seguem a lógica do pensamento da época. Observe que o que a sociedade considera hoje como preconceito, na época, eram ideias aceitas, eram verdades consensuais.

A influência positivista percebida no Naturalismo refere-se à preocupação de observar os problemas retratados nos romances. O autor escolhe o objeto de sua obra, o método de análise e procura vivenciar os problemas ou pesquisá-los para a composição de suas obras. Este aspecto se confirma no Brasil nos romances de Aluísio Azevedo, que

escreveu *O Mulato* baseado em fatos reais da sua cidade natal, São Luís – MA, e conviveu em cortiços para a construção de sua obra prima. A observação da realidade reflete-se na veracidade dos personagens e cenas, na linguagem, normalmente explorando a oralidade, conferindo à obra maior verossimilhança, maior compromisso com a realidade retratada.

- O CORTIÇO: ELEMENTOS DO ENREDO:

- O NARRADOR:

A narrativa naturalista se marca pela objetividade, imparcialidade, impessoalidade, influência da postura científica da escola literária. O romance *O Cortiço*, portanto, apresenta narrador em terceira pessoa. Como se munido de uma câmera, este narrador se posiciona distanciado dos fatos narrados, construindo para o leitor painel minucioso do ambiente e dos personagens, seus aspectos físicos, das relações pessoais e sociais.

- O CORTIÇO:

O ponto de partida do enredo é a chegada do imigrante português João Romão ao Brasil, com apenas 13 anos, para trabalhar na venda de um contêiner no Botafogo. Doze anos depois, depois de muito trabalho e sacrifício, o patrão retorna a Portugal, deixando a João a venda e um conto e quinhentos. Proprietário, João Romão trabalhou com mais entusiasmo em sua ambição desmedida.

Ao lado da venda, havia a quitanda da negra Bertoleza, escrava trintona, cujo dono mudara para Minas e a quem ela pagava a alforria, enviando vinte mil réis por mês. A negra vivia com um português que literalmente puxava uma carroça, o que lhe causou a morte por carga excessiva, fato que possibilitou a João proximidade maior com a negra.

A partir deste momento, cria-se entre os dois relação cada vez mais íntima. O português torna-se o confidente e o caixa da crioula, criando o clima para a consequente união dos dois. Quando João Romão propõe a Bertoleza morarem juntos, ela fica feliz, por ser mulher de europeu, raça superior a sua, ela reconhecia. João amplia a venda, construindo uma casinha de dois cômodos ao lado, para acomodar a quitanda e os pertences de Bertoleza. Agora João tem mulher, cozinheira, empregada e, além de não lhe custar nada, ele se apropria das economias da negra, não enviando mais o dinheiro ao antigo dono e ainda falsifica uma carta de alforria para alegria de Bertoleza que em sua ignorância nem desconfia.

Trabalhando sem nenhum momento de lazer, nem mesmo a missa aos domingos, e, tendo a seu lado a mão de obra de Bertoleza, que se desdobrava ainda mais, João Romão, ao fim de um ano, dispunha de economias para adquirir o terreno vizinho, abundante em água, em um leilão. A seguir, ele incorpora mais e mais terreno, adquirindo mais lotes e construindo os barracos que virão a constituir o cortiço.

Para esta empreitada, trabalha como pedreiro, rouba com a negra, à noite, material de construção nas vizinhanças e na pedreira que há ali ao fundo de sua propriedade e que ele compra a logo depois. Devido à localização e à água abundante, que ele organiza em bicas e tinas para alugar às lavadeiras, sobram candidatos a seus barracos, que totalizarão noventa e cinco.

Ele fecha o ciclo da exploração: ganha com o aluguel dos barracos e das tinas, com a venda, com a quitanda, que fornece comida aos trabalhadores, com a pedreira. João Romão está a um passo de seu objetivo: ser reconhecido como homem rico graças a seu esforço.

- O SOBRADO:

Enquanto o cortiço se formava, outro português, o Miranda compra o sobrado ao lado, alegando que sua esposa, Estela, não suportava a agitação do centro, onde ele tinha um negócio de tecidos. Logo a vizinhança descobre a mentira e espalha o boato sobre o verdadeiro motivo para a mudança, a traição da esposa.

Impotente diante do adultério, não pode separar, não pode matar a esposa, pois casou-se pelo dote de oitenta contos que ele só tem o direito de administrar, não resta a Miranda outra opção a não ser mudar-se para o bairro distante com sua esposa, sua filha, Zulmira, os criados, a negrinha virgem Leonor e a mulata sonsa Isaura, o negrinho Valentim, protegido de Dona Estela, o velho Botelho, sujeito mal humorado, espécie de confidente, de agregado, verdadeiro parasita, que vivia das sobras, e mais o rapazinho de quinze anos que veio do interior para estudar, o Henrique, cujo pai, freguês do Miranda, pagava para o menino morar no sobrado e cuidarem dele.

Miranda, assim como João Romão, veio de Portugal fazer a vida no Brasil, mas sente muita vergonha da maneira como enriqueceu e da vida que suporta, seja porque Estela o humilha, seja pela dúvida da paternidade de Zulmira. A vida de casados, os dois levam de forma inusitada. Ao descobrir que a mulher o traía, não podendo matá-la,

Miranda aceitou o fato e se afastou dela a princípio, saciando o ímpeto sexual com as criadas ou na rua. Mas não resistiu em procurar a esposa e, depois de uma primeira negativa, os dois, marido e mulher, tornam-se amantes em uma relação bem animalésca.

A relação com João Romão também é conflituosa, primeiro pela inveja e raiva recíprocas, segundo pela condição do cortiço, vizinho e sem muro, o que causa incômodo ao sobrado. Miranda inveja o vendeiro, por sua força, por sua gana de enriquecer; João inveja a posição social que o sobrado e o nome de Estela representam:

— *Deixa estar, conversava ele na cama com a Bertoleza; deixa estar que ainda lhe hei de entrar pelos fundos da casa, se é que não lhe entre pela frente! Mais cedo ou mais tarde como-lhe, não duas braças, mas seis, oito, todo o quintal e até o próprio sobrado talvez!*

Aluísio Azevedo – O Cortiço – p. 05 – disponível em

www.dominiopublico.gov

Miranda faz o muro do fundo, João o da frente, mas o cheiro do cortiço permanece no sobrado. Estela continua a trair o marido descaradamente, aproveita a presença de Henrique e inicia o menino na vida amorosa. O menino, que se prepara para o curso de Medicina, aparentemente sério, além de Estela, tem relações com as mulheres do cortiço.

Botelho é um tipo característico da época, parasita, caracterizado como abutre ou como ave de rapina, velho, amargo, preconceituoso, já negociara escravos, mas perdeu tudo com as leis abolicionistas, que o deixavam irado. O velho serve de confidente tanto para Miranda como para Estela, guardando os rancores e os segredos dos dois, e terá importância fundamental ao desenrolar do conflito, pois ele percebe a ascensão econômica de João Romão e aproxima-se do proprietário do cortiço, sendo a ponte para a ascensão social de João.

Botelho percebe em João a possibilidade de sua aposentadoria, para isso articula a entrada do vendeiro na sociedade, instruindo-o a se vestir, a frequentar teatro, a ler jornais. O golpe final do agregado consiste em casar João Romão com a filha de Miranda e Estela, Zulmira. Botelho vê a metamorfose da menina em moça. No início da narrativa, ela tem 12 anos, no final já está em idade de casar e será o instrumento da ascensão de João. Botelho ganhará nove contos para executar seu plano.

- OS MORADORES DO CORTIÇO:

O capítulo III é o mais explorado do romance, consta de quase todos os livros do ensino médio. Nele conhecemos os moradores do Cortiço. São trabalhadores da pedreira e das primeiras indústrias do Rio de Janeiro, mascates, lavadeiras, gente de toda espécie, reunidas em bando, nos barracos amontoados. Alguns tipos se destacam, em maior ou menor importância:

Leandra, por alcunha a “Machona”, portuguesa feroz (...) Tinha duas filhas, uma casada e separada, Ana das Dores, a quem só chamavam a “das Dores” e outra donzela ainda, a Nenen, e mais um filho, o Agostinho (...); Augusta Carne-Mole, brasileira, branca, mulher de Alexandre, um mulato de quarenta anos, soldado de polícia (...); a Leocádia, mulher de um ferreiro chamado Bruno, portuguesa pequena e socada, de carnes duras (...); Paula, uma cabocla velha, meio idiota, a quem respeitavam todos pelas virtudes de que só ela dispunha para benzer (...) feia, grossa, triste, com olhos desvairados. Chamavam-lhe “Bruxa” (...); Marciana e mais a sua filha Florinda. A primeira, mulata antiga, muito seria e asseada. (...) A filha tinha quinze anos, a pele de um moreno quente, beijos sensuais, bonitos dentes, olhos luxuriosos de macaca. Toda ela estava a pedir homem, mas sustentava ainda a sua virgindade e não cedia, nem à mão de Deus Padre, aos rogos de João Romão, que a desejava apanhar a troco de pequenas concessões na medida e no peso das compras (...); ... a velha Isabel, isto é, Dona Isabel, porque ali na estalagem lhes dispensavam todos certa consideração (...) Fora casada com o dono de uma casa de chapéus, que quebrou e suicidou-se, deixando-lhe uma filha (...) a flor do cortiço. Chamavam-lhe Pombinha.

Aluísio Azevedo – O Cortiço – p. 13, 14. Disponível em

www.dominiopublico.gov.br

O capítulo IV apresenta mais personagens significativos da obra: o português Jerônimo, a mulata Rita Baiana e Libório, o avelho avaro, semelhante a um rato, que rouba moedas das crianças e guarda garrafas cheias de dinheiro, verdadeira fortuna. Jerônimo muda-se para o Cortiço com a esposa Piedade, para gerenciar a pedreira recém-adquirida por João Romão, têm uma filha, Senhorinha, que passa a semana no colégio.

Rita Baiana reaparece depois de algum tempo na cidade e já arma um jantar e uma festa em seu barraco, ao lado de seu companheiro, o capoeirista Firmo, mulato, morador de um cortiço vizinho.

- OS PRINCIPAIS CONFLITOS DO ROMANCE:

O Cortiço ganha vida, torna-se o protagonista do romance e molda o comportamento de todos os personagens da narrativa. Os conflitos do livro giram em torno dele, o ambiente, por isso a classificação em Romance de espaço, pois o meio influencia o comportamento de todos: o dono do Cortiço, João Romão, em sua obsessão por riqueza, os seus moradores, perturba os vizinhos do sobrado, a família de Miranda, cuja vida vira um inferno.

Revela-se, no primeiro plano, o conflito entre o português do Cortiço e o português do sobrado. João Romão, neste processo, representa a Burguesia em ascensão, Burguesia no conceito europeu, a classe que trabalha. Miranda representa, por sua esposa, a burguesia ociosa da Corte, a “aristocracia” decadente, que vivia de rendas, das heranças, dos dotes, e que considerava o trabalho um papel inferior dos negros escravos.

Há uma tensão muito forte entre João Romão e Miranda, de inveja e ódio, de admiração e rancor. João inveja a condição social de Miranda, o Comendador, e este inveja a condição econômica de João Romão, o comerciante, que triunfa pelo esforço próprio.

Os moradores do Cortiço desenvolvem conflitos paralelos, dos quais dois núcleos se destacam: Pombinha/Costa/Leonie e Jerônimo/Rita Baiana/Firmo. Jerônimo é o terceiro português do romance, contratado por João Romão para gerenciar a pedreira, consegue a princípio cumprir o papel, preservando a sua origem e a dignidade de seu núcleo familiar. É o único dos portugueses a viver dentro do Cortiço, logo o que receberá influência do meio, meio em que conhece a mulata Rita Baiana. Esta o seduz, como a serpente tropical, inoculando em seu sangue o vírus da brasilidade, transmitindo-lhe a indolência e a sensualidade.

Após conhecer Rita, Jerônimo inicia o processo de abasileiramento que culminará não só em sua degradação, mas também na da esposa/Piedade e da filha/Senhorinha. De forma gradativa, começando no café e na cachaça, passando pela preguiça e pela música, pelo banho e pela entrega à mulata o que o leva ao conflito com Firmo, morto por Jerônimo. Após o assassinato, o português e a mulata mudam para outro

cortiço. Piedade e a filha, abandonadas, entregam-se ao alcoolismo e à prostituição, respectivamente. Jerônimo termina como um bêbado deplorável, e Ritinha já busca outro homem.

Outro conflito significativo dentre os moradores envolve a menina Pombinha, a flor do Cortiço, noiva de Costa, empregado do comércio, que já montou casa e só espera pela transformação dela em mulher, ela ainda não menstruou. A menina, cuja mãe sonha com o casamento para saírem da vida degradante daquele ambiente, no entanto já se contaminou pelo clima promíscuo daquela vida, já que suas raízes se desenvolveram no esterco que alimenta a vida primitiva e animal dos moradores.

De sua iniciação sexual com a prostituta Leonie, passando por sua menstruação, pelo casamento com Costa, que ela não via como homem suficiente para suas necessidades de fêmea, até ao adultério e prostituição, será caminho curto, que passará por dois anos de casada, dois amantes, o abandono do esposo, o reencontro com Leonie, a vergonha e aceitação da mãe. Ao final do romance, aproxima-se de Senhorinha, a filha abandonada de Jerônimo e Piedade, a quem protege e iniciará na vida, repetindo o ciclo animal da sexualidade.

O conflito social e econômico entre o Cortiço e o sobrado se resolve no final sem a tensão que marcou a ascensão burguesa na Europa, mas dentro do padrão brasileiro de acomodação das relações conflituosas, confirmada na união de João Romão com a filha de Miranda e Estela, a agora mocinha Zulmira. O parasita Botelho, espécie de agregado do sobrado, é o mediador do desenlace deste conflito. Botelho percebe em João Romão a possibilidade de uma velhice tranquila e ganha nove contos de réis para colocá-lo no sobrado, arranjar o namoro com Zulmira e ajudá-lo a livrar-se da negra Bertoleza no final.

A relação de João Romão com Bertoleza tem relevância no romance por ilustrar a relação do branco, europeu, dominador, com a negra, escrava, dominada, como exemplo de reificação, o ser humano reduzido à condição de res/objeto/coisa. Ele a usa para enriquecer, comprando a área do Cortiço com as economias dela, explorando a sua mão de obra como cozinheira, como empregada, tendo-a como objeto sexual.

No clímax da narrativa, João Romão livra-se de dois incômodos, dois obstáculos a sua ascensão social: a negra e o Cortiço. Do Cortiço, livra-se no acidente que causa a destruição do mesmo em um incêndio. Os amigos de Firmo vêm vingar-lhe a morte e no meio da confusão causada pela briga dos moradores dos dois cortiços, Paula a bruxa inicia

o fogo que destrói os barracos. João Romão, que colocara o lugar no seguro, só se preocupa em buscar o barraco de Libório e roubar-lhe as garrafas em que guardava dinheiro. Com o dinheiro do velho avarento e do seguro, reconstrói o espaço, não mais os barracos desordenados, mas uma estalagem organizada e à frente a Alameda São Romão.

Bertoleza, ele friamente a descarta, devolvendo-a ao filho do antigo dono. Enganou a negra todo o tempo, inclusive falsificando uma carta de alforria que ela guardava orgulhosa em sua ignorância. Ao ver a polícia chegar, acompanhada do filho do dono, a negra se mata com a faca usada para preparar os peixes. Morre como uma porca, estrebuchando na lama de sangue. João Romão, na sequência desta cena, recebe membros de uma associação abolicionista que lhe concede diploma de sócio benemérito por cuidar tão bem de uma escrava como cuidara de Bertoleza. Mais irônico impossível.

- CONCLUSÃO:

Mais importante realização do Naturalismo brasileiro o romance **O Cortiço** reúne todos os ingredientes do modelo de Émile Zola, na concepção de romance de tese, de romance experimental, segundo os princípios da Medicina de Claude Bernard. Aluísio Azevedo dissecou a sociedade brasileira da época, como corpo comprometido pelas patologias sociais, fazendo do romance uma alegoria do Brasil que iniciava o processo de aburguesamento que culminaria na Abolição, na República, na urbanização em busca da modernidade europeia.

O romance recorre, na construção das personagens, ao recurso da metonímia, cada um representando um elemento significativo da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX.

O migrante português em todos os ângulos, do bem sucedido ao fracassado – os mulatos, indolentes e sensuais, preguiçosos e safados – o negro, objeto da exploração do branco caucasiano, superior. Linguagem – as mulheres, enquanto objeto (Bertoleza, Piedade), enquanto sujeito (Rita Baiana), enquanto sujeito e objeto (Pombinha e Estela). A linguagem sinestésica produz o romance dentro do máximo possível de verossimilhança, como convém ao propósito científico do Naturalismo. O narrador procura passar ao leitor a sensação de estar em um cortiço, pelo apelo sensorial, pelo descritivismo, o detalhismo extremado, um filme em câmera lenta, com a técnica do zoom, afastando e aproximando o das cenas, conforme elas se desenrolam.

Aluísio Azevedo legou à Literatura brasileira não só o mais importante romance naturalista ou um dos mais importantes do século XIX, mas um modelo que servirá a importantes escritores do Modernismo, especificamente da Segunda Fase, o Romance de 30, de José Américo de Almeida, de José Lins do Rego, de Jorge Amado e principalmente de Graciliano Ramos, que era leitor e admirador confesso de *O Cortiço*.